

A CASA TOMBADA

Centro de Estudo, Pesquisa e Experimentação
em Arte, Educação e Linguagem

FACONNECT

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE
PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU: PEDAGOGIA
DAS MIUDEZAS NA EDUCAÇÃO DAS
INFÂNCIAS: SOBRE EPISTEMOLOGIAS,
UTOPIAS E TEIMOSIAS, REALIZADO PELO
PÓLO A CASA TOMBADA - CENTRO DE
ESTUDO, PESQUISA E EXPERIMENTAÇÃO EM
ARTE, EDUCAÇÃO E LINGUAGEM, DA
FACONNECT - FACULDADES INTEGRADAS**

Adriana Watanabe



**Território da formação em uma escola pública das infâncias -
escuta de uma coordenadora pedagógica**

2025

AGRADECIMENTOS

A todas as professoras e professores que tanto contribuíram para minha formação. À minha família, que compreendeu o quanto as minhas ausências estavam implicadas com minha trajetória de vida como educadora e caminhante. E, especialmente, à oportunidade que as crianças me deram de estar com elas, partilhar descobertas e criar, junto delas, um território de formação inclusivo, participativo e criador.





O sensível, o ser das imagens, não é algo meramente psíquico: caso fosse, bastaria fechar os olhos para ver e observar qualquer coisa. Não precisaríamos do mundo para poder ouvir nem deveríamos lançar-nos pele a pele nos objetos para poder perceber suas superfícies ou para sentir seus gostos. (COCCIA, 2010, pág. 17)

RESUMO

Este trabalho reflete sobre o território da formação docente em uma escola pública de educação infantil de São Paulo, a partir da prática da coordenação pedagógica. Com base em três décadas de atuação em diferentes funções na Educação, a autora destaca como as experiências profissionais e acadêmicas contribuíram para consolidar um olhar crítico sobre ensino, aprendizagem, políticas públicas e humanização das práticas escolares. Inspirada por autores como Paulo Freire, Miguel Arroyo, Loris Malaguzzi, Edith Derdyk e Stela Barbieri, a reflexão aborda a importância da pedagogia crítica e participativa, que rompe com idealizações da escola como espaço de "convívio feliz" e reconhece sua complexidade, conflitos e contradições. Nesse contexto, a coordenação pedagógica se configura como um lugar de resistência, de elaboração coletiva do Projeto Político-Pedagógico e de criação de percursos formativos que valorizam a escuta e os saberes locais. Os ateliês, desenvolvidos com professoras da unidade, são apresentados como territórios de investigação e transformação, nos quais as linguagens expressivas — como desenho, estamparia, escrita-imagem e experimentações com elementos naturais — se constituem como dispositivos formativos. Essas práticas promovem o diálogo entre teoria e experiência, possibilitando a construção coletiva de conhecimento, a ampliação do repertório cultural e estético e a valorização da identidade docente. O texto ressalta que a formação em serviço não pode se restringir a leituras ou transmissão de conteúdos, mas precisa ser inventada coletivamente, em diálogo com as demandas do grupo, com a realidade da escola e com as culturas locais. Ao percorrer os territórios da formação, dentro e fora dos muros escolares, o trabalho aponta para uma educação pública crítica, participativa e estética, capaz de reinventar práticas e fortalecer coletivos. Assim, a escuta e os ateliês emergem como práticas que sustentam a esperança de uma escola pública das infâncias criadora, inclusiva e transformadora.

PALAVRAS-CHAVE: Coordenação Pedagógica. Pedagogia Participativa. Território da Formação. Escuta.

ABSTRACT

This work reflects on the territory of teacher education in a public early childhood school in São Paulo, based on the practice of pedagogical coordination. Drawing on three decades of experience in different roles within Education, the author highlights how professional and academic trajectories have contributed to consolidating a critical perspective on teaching, learning, public policies, and the humanization of school practices. Inspired by authors such as Paulo Freire, Miguel Arroyo, Loris Malaguzzi, Edith Derdyk and Stela Barbieri, the reflection emphasizes the importance of a critical and participatory pedagogy that challenges the idealization of schools as "happy convivial spaces" and instead acknowledges their complexity, conflicts, and contradictions. Within this context, pedagogical coordination emerges as a place of resistance, fostering the collective elaboration of the Political-Pedagogical Project and the creation of formative pathways that value listening and local knowledge. The ateliers, developed in collaboration with teachers, are presented as territories of inquiry and transformation, where expressive languages — such as drawing, printmaking, image-writing, and experiments with natural elements — act as formative devices. These practices promote dialogue between theory and lived experience, enabling the collective construction of knowledge, the expansion of cultural and aesthetic repertoires, and the appreciation of teacher identity. The text stresses that in-service teacher education cannot be reduced to readings or the transmission of content; instead, it must be collectively invented, in dialogue with the group's needs, the school's reality, and local cultures. By traversing the territories of teacher education, both within and beyond school boundaries, the work points to a public education that is critical, participatory, and aesthetic — capable of reinventing practices and strengthening collectives. Thus, listening and ateliers emerge as practices that sustain the hope for a public school of childhoods that is creative, inclusive, and transformative.

KEYWORDS : Pedagogical Coordination. Participatory Pedagogy. Territory of Teacher Education. Listening.

SUMÁRIO

Introdução.....	6
Território de formação pessoal e profissional.....	9
Território educativo escolar.....	10
Território do Projeto Político-Pedagógico.....	11
Território da Formação nas Abordagens Participativas.....	12
Formação docente na abordagem participativa.....	13
Escuta profissional.....	15
Intencionalidade na formação das professoras.....	17
Percorrer o território na formação.....	18
Espaço de criação e liberdade.....	19
• Ateliê Estampa Botânica.....	19
• Ateliê Autorretrato e Desenho Cego.....	20
• Ateliê Sumi-e.....	22
• Ateliê Palavras.....	24
• Ateliê Criaturas Fantásticas.....	25
• Ateliê Transparências.....	27
• Ateliê PAUSA.....	28
Rastro de Pensamentos.....	30
Bibliografia consultada.....	32

INTRODUÇÃO

Começo este ensaio refletindo sobre a abordagem formativa que realizo como coordenadora pedagógica em uma escola pública municipal de educação infantil da cidade de São Paulo.

Ao longo destes anos na rede pública e privada trabalhando em diversas frentes da Educação, como: professora de educação infantil e ensino fundamental I, professora de graduação em Pedagogia e em pós-graduação em Psicopedagogia, coordenadora pedagógica de educação infantil, ensino fundamental I e II, formadora de professores alfabetizadores e de recuperação em língua portuguesa, formadora de coordenadores pedagógicos de ensino fundamental I e II, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Movimento de Alfabetização (MOVA), coordenadora de equipes multidisciplinares (psicopedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos e assistentes sociais), observo que meu olhar sobre e na Educação Pública foi aprofundando aspectos sobre o ensino, a aprendizagem, a humanização, as políticas públicas, as linguagens expressivas, entre outros, importantes para criar oportunidades diferenciadas para as crianças e os estudantes, além do trabalho contextualizado com os saberes locais, da comunidade escolar e do território educativo de cada contexto, região. Já se passaram três décadas de trabalho na área e neste momento percebo a continuidade do meu desejo no fazer cotidiano como coordenadora pedagógica de uma escola das infâncias a qual tenho investido tempo, energia, estudo e amorosidade nas relações e no trabalho.

Escrevo este texto no ano de 2025 e acredito necessário registrar a falta de valorização dos profissionais da educação pública e as condições desfavoráveis de trabalho que vem adoecendo os profissionais da educação, meus pares. Gostaria que o cenário fosse diferente que estivesse falando apenas das propostas que venho me empenhando para que a escola que trabalho tenha a merecida qualidade educacional, mas sei que junto com todo este esforço do coletivo de profissionais presentes neste trabalho, muitos adoeceram pelo caminho.

Por outro lado fica claro que ter saudades dos tempos de convívio feliz é ingenuidade. Talvez porque nunca existiram nas escolas convívios tão felizes assim. Vejo neste ponto um sinal de amadurecimento: estamos desmistificando termos que não deram conta da realidade. Por exemplo, a comunidade escolar, tão proclamada em discursos adocicados, como se a escola devesse ser a expressão mais perfeita da convivência humana. Quem inventou que ensinar, educar é sinônimo de convívio feliz? É impressionante a quantidade de imaginários ultrapassados, que povoam o universo educacional e que povoam a representação social da escola (ARROYO, 2011, p. 47).

Arroyo (2011), ao falar em *imagens quebradas*, nos convida justamente a encarar essas fissuras, os limites das narrativas idealizadas, que quando não são problematizadas acabam reforçando frustrações e silenciando os conflitos reais da vida escolar.

Nesse mesmo horizonte crítico, Paulo Freire foi um dos educadores que mais me instigou, aguçou minha capacidade de compreender a realidade educacional de forma crítica e, ao mesmo tempo, me ensinou sobre a importância da amorosidade nas relações escolares. Sua obra denuncia os mecanismos de opressão que atravessam a escola e as possibilidades de emancipação. Em *Pedagogia como prática de liberdade*, ele expressa um desejo e uma esperança que compartilho:

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, em vez de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio "eu", submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispucesse a constantes revisões. À análise crítica de seus

“achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos. (FREIRE, 2011, p. 118)

Se Arroyo nos ajuda a desmontar as idealizações sobre a escola, Freire nos lembra da força de uma educação crítica e amorosa, capaz de abrir brechas de esperança mesmo em meio a cenários adversos. Entre a denúncia e o anúncio, o desafio permanece: sustentar um projeto educativo que reconheça a complexidade da vida escolar, sem romantizá-la, mas também sem perder de vista que, na luta por dignidade e qualidade, é possível reinventar práticas e fortalecer coletivos. É nesse lugar de tensão que seguimos, apesar dos adoecimentos e das perdas, acreditando que a formação e a prática docente ainda podem ser campos de criação, resistência e transformação.

Território de formação pessoal e profissional

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.

Paulo Freire

Foram alguns caminhos com estradas transversais que foram surgindo e ampliando as possibilidades de minha formação pessoal. Essa jornada, posso dizer que foi iniciada em 1990 e foi contada até 2008 na apresentação de minha dissertação de mestrado¹ realizada na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/ FEUSP. Outro capítulo da jornada de formação de professores dos anos de 2008 à 2015 também consta na apresentação da minha tese de doutorado² defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ PUCSP. A partir de 2017 iniciei o trabalho de formação de professoras de educação infantil na Escola Municipal de Educação Infantil e neste trabalho relato alguns aspectos do percurso formativo deste período, com destaque para um semestre do ano de 2025. Contudo, neste caminho, em 2020, tivemos como marco histórico, a pandemia, que mudou radicalmente os meus estudos e experiências com as artes manuais e linguagens expressivas. Os estudos realizados no período da pandemia, principalmente online e realizados na Casa Tombada estão descritos no trabalho de conclusão³ do curso da pós graduação: Caminhada como método para Arte-Educação, concluída no ano de 2023.

¹ https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-27042009-150326/publico/Adriana_Watanabe.pdf

² <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/9886/1/Adriana%20Watanabe.pdf>

³ https://acasatombada.com.br/wp-content/uploads/tainacan-items/22480/36662/Adriana-Watanabe_Caminhada-como-Metodo--T-4.pdf?

Território educativo escolar

“As construções da arquitetura concretizam a ordem social, ideológica, cultural e mental, conferindo-lhes forma material metafórica.”

Juhani Pallasmaa

A escola de infância em que atuo como coordenadora pedagógica carrega a memória de um tempo em que São Paulo ousou pensar a infância de forma pioneira. Na década de 1930, Mário de Andrade, à frente do recém-criado Departamento de Cultura, idealizou os Parques Infantis, espaços que uniam brincadeiras, atividades artísticas e cuidados com a saúde. Mais do que lazer, eram territórios de formação cultural e cidadã, lugares em que a criança podia expressar sua potência criadora e inventar seus próprios caminhos.

Ao longo de mais de sete décadas, essa escola acumulou histórias, memórias e práticas que refletem a experiência de inúmeras crianças e profissionais, tornando-se um espaço de aprendizado e criação. Há nove anos, ao assumir a coordenação pedagógica, encontrei o desafio de alinhar o projeto político-pedagógico da escola às diretrizes do município, refletindo sobre o currículo e sobre como reconhecer as crianças como protagonistas de suas aprendizagens.

Foi com diálogo e reflexão coletiva que consegui articular as ideias e propostas do grupo com as diretrizes curriculares da educação infantil do município, em uma perspectiva da pedagogia participativa. Esse processo envolveu repensar as rotinas, criar momentos de escuta das crianças e promover atividades que fortalecessem seu protagonismo. Percebo que a escola permanece um espaço vivo, onde educação e cultura se encontram para afirmar a infância como território de criação, descoberta e cuidado, traduzindo teoria em práticas significativas para todos os envolvidos.

Território do Projeto Político-Pedagógico

O caminho a ser percorrido da transmissão à participação não é um caminho linear, que surge automaticamente, a partir do momento que optamos e nos posicionamos. Ele exige esforço, reflexão e criticidade permanentes para não reproduzirmos, ainda que de forma inconsciente, justamente aquilo que queremos desconstruir.

(RIBEIRO, 2022, p. 41)

Este momento marcou o início de uma jornada coletiva, repleta de desafios e embates. Inicialmente, coletei as práticas de cada professora da escola, organizando saberes e fazeres em um mapa conceitual que desenhei com giz de lousa, branco e coloridos, em uma parede da sala dos professores, então bastante esburacada. A parede tornou-se uma documentação pedagógica que passou a refletir, de forma simbólica, tanto as propostas educacionais desenvolvidas pelo grupo quanto a articulação com os eixos do Projeto Político-Pedagógico, que começaram a ser identificados e alinhados à política educacional. Por meio desse mapeamento, tornou-se possível identificar não apenas o que já estava sendo realizado, mas também as prioridades formativas para o grupo.

Coordenar um projeto em uma escola pública pautado na pedagogia participativa, em consonância com o currículo oficial do município, impactou profundamente meus estudos. Para fundamentar minha prática, busquei cursos e literatura especializada, encontrando, inclusive, uma proposta de formação em Reggio Emilia que dialogava estreitamente com os estudos que estávamos desenvolvendo no grupo de formação de coordenadores pedagógicos do município de São Paulo.

Ao longo desse percurso, realizei descobertas significativas e deixei fluir conhecimentos adquiridos em experiências de ateliê com diferentes linguagens expressivas, guiadas por artistas que trouxeram saberes que, no meu entendimento, faltaram em minha formação inicial como educadora. Minha pesquisa com as linguagens das artes encontrou nas pedagogias participativas

um amálgama para o projeto de formação que desenvolvo junto às professoras da escola.

As abordagens participativas, em sua essência, são um convite para que nós, adultos profissionais, também possamos recuperar nossa participação, nosso lugar de fala e construção compartilhada — seja com as crianças, com nossos pares ou nas políticas públicas que orientam nosso trabalho. (RIBEIRO, 2023, p. 17)

Território da Formação nas Abordagens Participativas

O percurso da pós-graduação na Pedagogia das Miudezas foi marcado por experiências intensas de estudo, reflexão e interação afetiva entre o grupo, vivenciadas nas imersões propostas por Bruna Ribeiro. A formação contribuiu para o meu aprofundamento teórico, vivências práticas e atividades sensíveis, como as descritas no livro *Reivindicando uma abordagem participativa com DNA brasileiro: uma utopia em construção*, que apresentou as imersões e concepções das pedagogias participativas realizadas com um grupo de educadoras .

Os conteúdos estudados enfatizaram a centralidade das abordagens participativas, considerando:

- O contexto de vida das crianças, suas relações com a comunidade e com o território, e as culturas praticadas nesse espaço.
- O sujeito da experiência como alguém aberto à transformação, disposto a aprender com o outro e se deixar conduzir pelo encontro com novas perspectivas.
- O assombro como motivação inicial para o conhecimento e a valorização do diálogo e das boas palavras como instrumentos de cuidado.
- A responsabilidade do adulto sobre o bem-estar da criança, incluindo o toque, o cuidado estético e a atenção às múltiplas linguagens.
- Reflexões sobre diversidade, preconceito e discriminação, incentivando a criação de espaços de aprendizagem inclusivos.

- A dimensão do belo e da estética na escola, superando a “estética do liso” (aisthesis) e reconhecendo a importância da frustração como experiência necessária ao desenvolvimento.
- Inspirações literárias e artísticas, com André Carrieri, Stela Barbieri, Eliane Cavalleiro, Anita Freitas, Giuliano Tierno, Angela Castelo Branco, Rodrigo Carancho, que reforçaram a relação entre criação, expressão e pedagogia participativa.

Em minhas reflexões sobre todo o conteúdo e imersões realizada nesta pós, lembrei de um dos textos mais recentes da Edith Derdyk que no meu entendimento traz palavras que contribuem para traduzir o que foi os encontros que aconteceram neste grupo de mulheres, carinhosamente intuído por mim como “mil deusas”, tendo como referência “Miudezas”:

Construir um campo de confiança mútua para que os afetos expressem suas potências e encontrem suas modalidades comunicacionais, algumas vezes de forma transparente e imediata, por outras resguardada e defendida, é o nosso desafio (e)terno! Afeto, sensibilidade e geração cognitiva caminham juntos, habilitando a conquista das linguagens - funcionais e expressivas. Descobrir as composições entre as tecnologias do pensamento e as dinâmicas da sensibilidade em ambiente de aprendizagem é uma artesania diária (DERDYK, 2025, p. 14)

Formação docente na abordagem participativa

Foi necessário uma mudança de paradigma na elaboração da formação em serviço na escola, que fosse além da simples leitura de textos e exibição de vídeos. Essa transformação demandou uma “gramática pedagógica” mais alinhada às questões emergentes dos fazeres e saberes docentes. Como aponta Oliveira-Formosinho (2016), as gramáticas são autorais e deixam

explícito seu propósito educativo, ao criar condições para pensar, agir, avaliar e vivenciar a experiência.

Convicta de que fazia todo sentido continuar investindo tempo, recursos e corpo nos encontros com as artes, tomei coragem para iniciar convites com ateliês destinados ao grupo de professoras. Noemi Jaffe contribuiu com reflexões importantes sobre as ideias e incertezas que permeiam as escolhas nos momentos iniciais: são tantas possibilidades surgindo simultaneamente que a sensação ocupa o corpo inteiro, gerando uma certa inércia e confusão mental ao decidir “é isso”.

A existência se manifesta por gestos. O homem está no mundo na forma dos seus gestos. Dedica-se de corpo e alma ao gesto. É precisamente por isto, por tal dedicação total ao viver sua vida, que, espontaneamente, às vezes o deus aparece. (FLUSSER, 2014, p. 39)

Foram tantas as pessoas que encontrei ao longo da minha trajetória, generosamente oferecendo seus saberes e fortalecendo-me para que eu pudesse criar condições e dar contorno ao que hoje busco realizar com as educadoras no espaço escolar, sabendo que não seria possível citar todos os nomes.

Tenho a consciência de que sou uma mulher latino-americana, que vive, trabalha, sou mãe, filha, avó e madrastra, em um país marcado por desigualdades econômicas e sociais e por uma intensa polarização política.

Ao longo desses anos, estudei autores de diferentes partes do mundo e compreendi como suas contribuições foram fundamentais para a minha formação integral, ajudando-me a entender as diversas concepções de sujeitos, instituições escolares, currículos, entre tantas outras questões. Neste momento, entretanto, acredito ser importante destacar que “Sulear” tem sido um compromisso constante como educadora e tem guiado as escolhas temáticas dos ateliês que proponho. Como nos ensina Paulo Freire, valorizar os saberes e a identidade cultural das professoras no processo educativo cria

condições potentes para compreender nossa realidade local e reconhecer nossos saberes, experiências e ancestralidade.

A pedagogia da escuta tem sido uma inspiração para compreender a movimentação do cotidiano e as relações humanas e pedagógicas que se manifestam no espaço escolar. O termo, criado por Loris Malaguzzi, é definido numa perspectiva ética, estética e relacional, oferecendo condições para respeitar as infâncias e suas culturas.

Com essas considerações, a escuta das educadoras têm ganhado novos contornos no planejamento da formação continuada, orientando práticas que valorizam experiências, reflexões e a construção coletiva de conhecimento.

Escuta profissional

“É preciso que o adulto vivencie processos formativos onde ele é escutado e participe, para que a partir dessas experiências possa fomentar a escuta e participação infantil. Não se trata de replicar e sim de um processo autoral dos sujeitos que, a partir de suas experiências, reelaboram e produzem novas experiências, buscando, assim, garantir a coerência do processo de ensino-aprendizagem e dos valores e princípios que o norteiam.”

RIBEIRO, 2022, p. 78

Observei um distanciamento entre os estudos realizados no PEA e a prática pedagógica docente, o que evidenciou uma demanda formativa: aproximar-nos das linguagens expressivas na prática com as educadoras. Essa reflexão encontrou morada em meu fazer como coordenadora pedagógica e tem orientado minhas escolhas no cotidiano da formação em serviço.

Outra questão que considero central é a coerência entre as escolhas teóricas que propomos para trabalhar com as crianças e as decisões metodológicas que articulamos junto às professoras.

O movimento formativo na escola envolve um conjunto de ações com significativa complexidade. Desde que coordeno esta Escola Municipal de

Educação Infantil - EMEI, tenho dedicado muita energia à elaboração e sistematização do Projeto Político Pedagógico - PPP, buscando reunir os saberes locais de toda a comunidade escolar, articulados aos documentos oficiais das escolas das infâncias. Além disso, consideramos os resultados dos Indicadores de Qualidade da Educação Paulistana e demais avaliações escolares ao selecionar as temáticas inseridas nos percursos formativos.

Nesse período, muitos questionamentos, resistências e conflitos marcaram nosso cotidiano. A documentação pedagógica tem sido uma aliada constante para firmar concepções e modos de fazer e de ser, sempre numa perspectiva inclusiva.

Os desafios cotidianos de uma escola das infâncias sempre existiram, mas o diferencial tem sido a busca de parcerias com profissionais da escola, familiares e outras instituições que compartilham a mesma concepção de infância e de escola pública com gestão democrática. Entre as dificuldades, destaco a exigência de que o coordenador pedagógico assuma ações burocráticas, muitas vezes ocupando tempo precioso para pensar e realizar os percursos formativos com crianças e educadoras, substituído por longas horas diante do computador — mas esse já é tema para outro texto.

Com essas considerações preliminares, consciente de que jamais seria possível relatar todos os percursos deste processo em apenas um texto, percebi que a prática de ateliês cria oportunidades de diálogo e compartilhamento de ideias, rompe com certezas e amplia o senso estético a partir das escolhas de materiais e linguagens de cada proposta, constituindo um aspecto importante da formação docente, aliado ao aprofundamento teórico escolhido pelo grupo.

Convidar as educadoras para participar de experiências em ateliês com diferentes linguagens expressivas criou condições para vivenciar territórios, histórias pedagógicas, pessoais, artísticas e transformadoras. Sulear pensamentos e práticas, nesse sentido, tornou-se um caminho alinhado ao projeto de uma educação crítica e emancipadora, comprometida com a realidade do Sul Global e com a formação de sujeitos conscientes de seu lugar no mundo.

Intencionalidade na formação das professoras

Ao elaborar os ateliês, muitas perguntas surgiram antes, durante e ao longo do processo, na escolha e manuseio das materialidades: Como desenvolver o trabalho com as linguagens expressivas com as educadoras? Quais referências posso utilizar para essa elaboração? Quais materiais devo selecionar? Como construir um contexto de investigação com uma estética coerente com o sentido e significado da temática escolhida?

Foi necessário inventar um território na formação docente, criando um espaço de investigação e transformação. Esse território pedagógico precisou ser construído coletivamente, reconhecendo a experiência prévia e os saberes das educadoras, possibilitando que o conhecimento se construísse de forma participativa e situada, em diálogo constante entre teoria e prática.

Em nossa escola, tivemos a oportunidade de trabalhar com a equipe do Ateliê Binah, da Stela Barbieri, que mostrou como é fundamental criar um espaço de criação capaz de abrir portas para o mundo interior de cada docente, reconhecendo as marcas identitárias de quem compõe esse território.

É essencial que as educadoras estejam disponíveis para experimentar em um ambiente de incertezas, construindo territórios de imaginação, diálogo, fantasia, narração e prática, promovendo diversas aprendizagens e fortalecendo a cultura do ateliê nos espaços educativos (BARBIERI, 2021).

A formação participativa envolve reflexão crítica sobre a prática, construção coletiva do conhecimento e valorização da identidade profissional. Nesse sentido, os ateliês possibilitaram que os saberes e experiências das educadoras fossem centrais, criando oportunidades de transformação da prática pedagógica.

Cada ateliê se tornou, assim, um território de criação e aprendizagem, um espaço para trocar ideias, experimentar e expandir possibilidades, alinhando-se a uma educação crítica, emancipadora e participativa.

A experiência que vivemos em grupo constituiu um importante processo de criação do nosso coletivo de professoras. Às vezes, sentia que a proposta era simples demais, mas, com o tempo, percebi a imersão das educadoras nas

materialidades e nos elementos naturais, abrindo espaço para vivenciar um outro tempo, aquele que conseguimos segurar em nossas próprias mãos.

Percorrer o território na formação

Abro aqui um parêntese para explicar que os convites para os ateliês não ocorreram como momentos isolados na proposta formativa da escola. Tenho pensado nos territórios da formação também para além dos muros da instituição. Cheguei a esta escola com a convicção sobre o território educativo e a educação integral profundamente enraizada em minhas práticas. A partir dessa convicção na educação pública, planejei diferentes momentos formativos, como reuniões pedagógicas e saídas culturais com as professoras e as crianças a museus e instituições educativas e culturais.

Ampliar as referências e trazer saberes que circulam em diferentes espaços da cidade, do país e até de alguns lugares do mundo tem potencializado os debates e os referenciais das educadoras. Entre as saídas culturais realizadas pelo grupo nos últimos anos estão: Museu de Arte Moderna (MAM), Museu de Arte Contemporânea (MAC), Museu Emanuel Araújo, Museu de Arte de São Paulo (MASP), Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MUBE), Ateliê Binah, Ateliê Carambola, Casa Tombada, Casa Redonda e EMEI Dona Leopoldina, entre outros.

Ampliar o repertório com referências tão diversas contribuiu para expandir o território da formação. Os convites para os ateliês foram surgindo naturalmente ao longo do tempo, muitas vezes sem que tivéssemos plena consciência dos deslocamentos que poderiam provocar. No entanto, foi por meio de perplexidades, estranhamentos e curiosidade que as professoras passaram a participar dos ateliês e devagar, ocuparam diferentes lugares, outros tempos e novas formas de interação no espaço formativo da escola.

Espaço de criação e liberdade

Falar de ateliê é falar de espaço, tempo e corpo.

É criar corpo no cotidiano.

Dar espaço às criações, dar tempo ao pensamento.

Tornar visível, construir em movimento, na ação e no coletivo.

Acolher o imprevisto.

Falar de ateliê é fazer.

Experimentar, buscar o encontro, promover a troca.

Ateliê é CONVITE. CONVÍVIO. CONTINUIDADE.

Criação do grupo de Raissa Cintra e Rayssa Oliveira

A reflexão sobre minha prática como coordenadora pedagógica aproxima-se de uma sessão de análise, na qual as ideias fluem livremente, sem obedecer necessariamente à ordem cronológica dos calendários ou às horas do relógio. Assim, avançamos para o ano de 2025.

Os ateliês que criei foram concebidos como espaços de criação e experimentação, com a intenção de desenvolver uma estética do conhecimento, considerando-o como algo complexo e inacabado, que oferece espaço para atuação e a criação de novos significados.

Como fonte de inspiração para muitos ateliês, selecionei livros de literatura da biblioteca da escola e alguns de minha coleção pessoal, escolhendo-os com curadoria atenta à autoria e às imagens, de modo a potencializar as experiências das educadoras e crianças. A seguir, elenco alguns ateliês realizados com dois grupos de formação no horário de estudo na escola.

Ateliê Estampa Botânica

Preparei este ateliê de estampa botânica inspirado no livro *O Casaco de Pupa*, de Elena Ferrándiz. Uma história sobre os medos e o processo de transformá-los e encontrar liberdade



para seguir adiante. É um livro de muita sensibilidade. E, quando sou tomada por este tipo de história impactante, muitas vezes, surgem em minha mente outras imagens além das ilustrações propostas, e foi a partir dessa percepção que encontrei a fonte de inspiração para o ateliê.

Os materiais que selecionei foram: placas de vidro, placas de gelatina, folhas, galhos, flores, tinta guache, papel branco e algodão cru. Após a leitura do livro e a reflexão sobre a história e as ilustrações junto às professoras, as convidei-as para se inspirarem na trajetória de Pupa e perguntei: quais as imagens que surgiram em sua mente durante a leitura da história?

No início, houve um silêncio que pareceu se estender por muito tempo. Mas logo, as materialidades se tornaram convidativas, e as professoras começaram a colocar a mão na massa: criar, rir, narrar e mergulhar em outros tempos e espaços, descobrindo novas formas de expressão e conexão com a história.

Nas reflexões que surgiram durante o ateliê com as professoras, percebi como cada uma expressa suas conceituações, experiências, singularidade e ancestralidade, e como isso se manifesta naquilo que realizamos juntas. As materialidades que ofereci funcionaram como um convite para que explorassem a experiência estética, o espaço, a própria materialidade e o tempo, enquanto vivenciavam o ateliê.



Ateliê Autorretrato e Desenho Cego

Escolhi como inspiração a leitura do livro *As Coisas que Guardo*, de Mo Gutiérrez Serna (LIVRE Conteúdo e Cultura). O texto e as ilustrações retratam as lembranças que uma menina guarda na memória. É uma reflexão poética sobre o que escolhemos guardar e como essas memórias moldam nossa

identidade e nos acompanham ao longo da vida — é lindo demais!

No ateliê de desenho, as professoras se deixaram envolver pela experiência com interesse e sensibilidade, explorando o autorretrato e o desenho cego com as barrinhas de carvão. Cada traço revelou um pouco de suas percepções e sensações, e ao compartilharem seus desenhos, abriu-se um espaço para que contassem histórias, impressões e memórias pessoais. Observei que foi um momento formativo importante, no qual a experiência artística se tornou uma ponte para reflexões sobre si mesmas e suas trajetórias pedagógicas.



Sempre é um corpo, sem nome específico e diferente em relação aos diversos sensíveis, mas com uma capacidade comum: aquela de gerar imagens.... O sensível tem lugar apenas porque, para além das coisas e das mentes, há algo que possui uma natureza intermediária. (COCCIA, 2010, p. 20)

Os ateliês aconteceram na sala de formação da escola, um espaço novo, conquistado no ano de 2024, reivindicado desde minha chegada na escola, quando uma diretora compreendeu que era uma demanda formativa importante para a escola e encaminhou a reforma do espaço com uma verba destinada para esta finalidade.

O território da formação não é simplesmente um espaço, é o que existe dentro de suas fronteiras diz respeito mais aos signos do que as fronteiras espaciais.

Habitar um território é mergulhar em um sistema de conceitos, materialidades e relações. (BARBIERI, 2021, p. 10)

Elenquei alguns conceitos que estudei com a Stela Barbieri (2021) e que permearam a prática de ateliês. Fiz uma breve síntese para ilustrar o sentido que criaram em nossa experiência vivida nesta escola:

- ❖ Experiência estética: A oportunidade de entrar em contato com cores, formas, texturas e materiais, despertando sentidos, emoções e reflexões sobre o próprio fazer.
- ❖ Estado de ateliê: Um espaço e tempo de criação onde há liberdade, confiança e abertura para experimentar, explorando ideias sem pressa ou julgamentos.
- ❖ Corpo-território: O corpo como ponto de partida da experiência, mostrando identidade, memória e singularidade a cada gesto, movimento e postura.
- ❖ Furo na normalidade: Um rompimento com rotinas e padrões habituais, abrindo espaço para surpresas, descobertas e novas maneiras de pensar e agir.
- ❖ Imaginação: O motor da criação, que conecta memórias, afetos e possibilidades inéditas, permitindo que ideias e formas surjam livremente.
- ❖ Construção de narrativas coletivas: O compartilhamento de experiências individuais que, ao se encontrarem, criam significados mais amplos e fortalecem o aprendizado coletivo.

Observar a experiência estética de cada participante, valorizando as narrativas carregadas de saberes e aprendizagens singulares, foi profundamente transformador. Esse olhar permitiu perceber como cada gesto, cada escolha de materialidade e cada criação refletem trajetórias, experiências e formas únicas de compreender e viver o mundo.

Ateliê Sumi-e

A inspiração para este ateliê surgiu a partir de uma experiência que tive com a autora do livro *Chão de Peixe*, de Lúcia Hiratsuka (Pequena Zahar), em

um ateliê no Instituto Tomie Ohtake. Este livro convida a olhar o cotidiano com delicadeza e poesia, e em versos curtos, traz a expressão da vida nos pequenos gestos. As ilustrações em sumi-e conversam com o texto e criam um encontro sensível entre palavra e imagem.



Para conduzir a atividade, preparei os materiais: tinta nanquim, papel branco e pincel no formato tradicional para sumi-e.



Com o tempo, pude perceber que as professoras passaram a vivenciar o estado de ateliê e a se relacionar de forma intensa com a materialidade das coisas, que nos convidou a estabelecer novas relações e conexões.

A prática de ateliê também criou condições importantes para lidar com incertezas, o inacabamento e o espanto, funcionando como um verdadeiro furo na normalidade. Como ressalta Barbieri (2021), ela entende a aprendizagem como entrelaçada à arte, de modo que ambas podem gerar esses furos na

normalidade. Esse processo se dá a partir do questionamento da realidade, pelo ato de não tomar as coisas como prontas, reconhecendo-as em constante construção e desconstrução.

Ateliê Palavras

Nas escolas de educação infantil, a linguagem escrita por muito tempo tenciona as práticas pedagógicas. Exercícios repetitivos, como passar por cima da linha das letras, muitas vezes afastaram as crianças do acesso à cultura escrita, tornando a experiência cansativa e pouco significativa.

Na escola, sempre procurei ter cuidado ao trabalhar a fala, a linguagem oral e a linguagem escrita. Lembrando deste histórico em nossa rede de escolas municipais, criei um ateliê que denominei “Palavras” e escolhi artistas e autores que articulassem essa ideia.

A partir da apreciação do livro *algo antigo*⁴, de Arnaldo Antunes e outros do mesmo autor, e do catálogo *Alfabeto Enfurecido*⁵, de Mira Schendel e León Ferrari, o grupo foi convidado a experimentar moldes de letras com tinta e canetas pretas permanentes sobre papel cartonado branco, inspirando-se na escrita-imagem de Arnaldo Antunes e nas obras de Mira Schendel e León Ferrari (Cosac Naif).

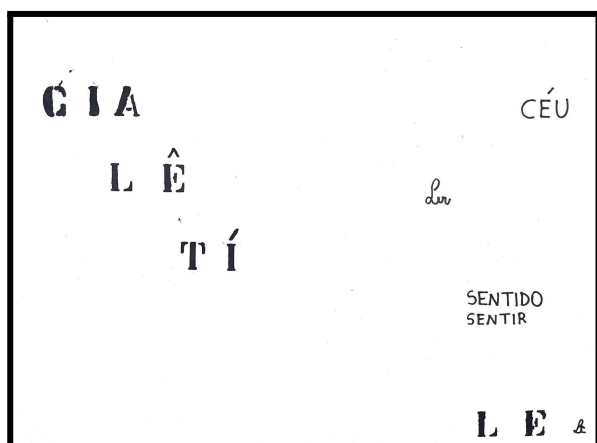
Vale destacar que essas escolhas foram feitas para as professoras; se fossem realizadas com crianças, precisariam ser contextualizadas e pensadas com outros materiais ou referências.



⁴ A escrita de Arnaldo tem essa potência: sem exageros, ele nos toca com um traço, uma imagem ou uma palavra que se desdobra em muitos sentidos.

⁵ *Alfabeto Enfurecido* reúne obras de Mira Schendel e León Ferrari, explorando a linguagem como matéria sensível e gestual. O catálogo mostra como letras, gestos e imagens se tornam veículos de expressão, política e emoção. Entre desenhos, esculturas e instalações, suas obras dialogam com corpo, palavra e vida. É uma celebração da arte que provoca, questiona e toca a alma.

Alguns cartazes criados pelas educadoras:



Ao observar o trabalho das educadoras, percebi como a imaginação consegue criar formas inesperadas de expressão, transformando aquilo que normalmente chamamos de escrita. Notei que, nos gestos, nos desenhos e nas pequenas invenções, surgiram novas maneiras de dar sentido às palavras.

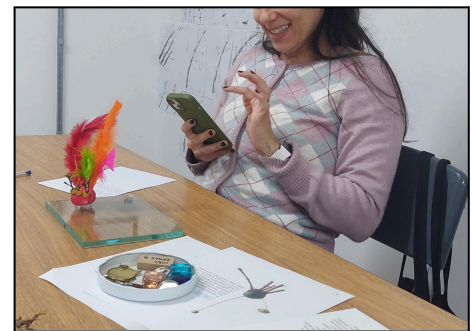
Como ressalta Barbieri (2021), ao brincar com os pensamentos, damos outros significados às palavras, e a imaginação no cotidiano abre portas para aquilo que ainda não existe. Dessa forma, a escrita deixa de ser apenas um registro formal e passa a ser um espaço de criação, descoberta e compartilhamento de significados.

Ateliê Criaturas Fantásticas

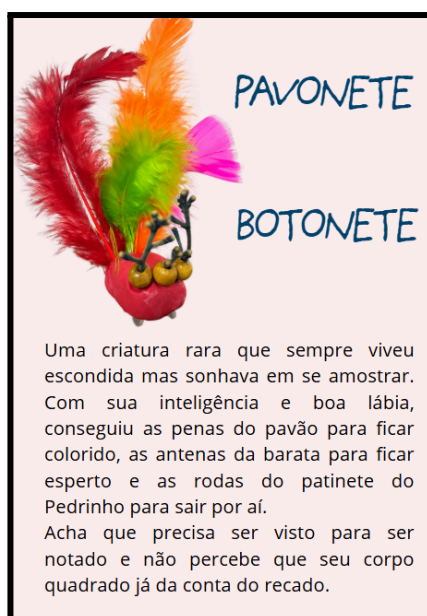
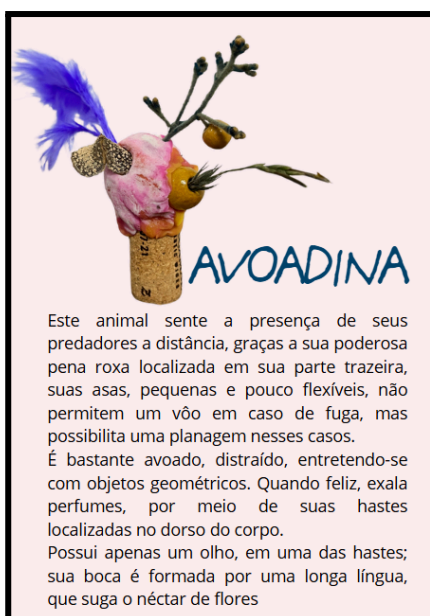
Na escola, contamos com uma professora que trabalhou por muitos anos em sala de leitura, e com quem converso diariamente sobre os livros de nossa biblioteca. Ela já conhece meus gostos e preferências e, com frequência, consegue indicar títulos que se encaixam perfeitamente. Um dos livros que trouxe grande inspiração foi *Criaturas da Ilha de Corso*⁶, de Angela-Lago, José Torero e Pedro Pedras (Ed. Moderna). Após a leitura e a apreciação cuidadosa das imagens e do texto, convidei o grupo a realizar um ateliê: criar criaturas fantásticas a partir de elementos da natureza e, em seguida, escrever textos

⁶ *Criaturas da Ilha de Corso* encanta ao unir a fantasia de Angela-Lago, a escrita de José Torero e as ilustrações de Pedro Pedras, criando seres imaginários que despertam curiosidade. A leitura é envolvente, lúdica e inesquecível. Rendeu muitas risadas em nosso grupo.

descrevendo suas características, adotando a perspectiva das narrativas coletivas. O trabalho foi desenvolvido em duplas e os resultados foram fenomenais. A partir dos registros fotográficos, uma das professoras organizou um livrinho da experiência. Na verdade, quase todos os ateliês realizados na escola acabam se transformando em documentação pedagógica, fortalecendo o registro e a memória das práticas.



Na sequência as professoras elaboraram os textos de suas criações e outra professora do grupo, fez a documentação utilizando o app canva:

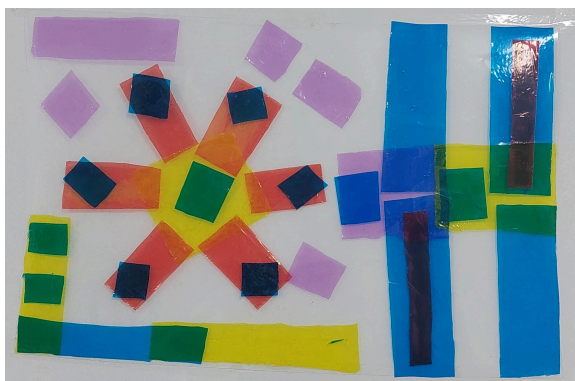


Como diz Gianni Rodari:

A função criativa da imaginação pertence à pessoa comum, ao cientista, ao técnico. É essencial tanto para descobertas científicas quanto para o nascimento de uma obra de arte; é realmente condição necessária da vida cotidiana... (RODARI, 2021, p. 168).

Ateliê Transparências

O livro *Dobras*⁷, de Andrés Sandoval, me instigou desde o primeiro contato, com suas folhas de seda coloridas, dobras sucessivas, texturas e sons que despertam a imaginação. Inspirada por essa experiência, elaborei um ateliê de transparências, utilizando folhas coloridas translúcidas, explorando a sobreposição de cores e experimentos com giz de cera ou tinta acrílica sobre papel branco, combinando com intervenções das dobras. Durante o ateliê, surgiram imagens surpreendentes, que revelaram o potencial expressivo e experimental das crianças ao explorar materiais, cores e texturas de maneira livre e criativa.



As professoras também elaboraram um livro coletivo utilizando dobras, que se revelou interessante e divertido, refletindo a criatividade compartilhada do grupo. Durante a investigação dos processos vivenciados nos ateliês, observei que a atenção das professoras se manteve aberta: partiu de uma

⁷ *Dobras*, de Andrés Sandoval, é um convite delicado à imaginação: cada página se transforma em surpresa quando dobrada, revelando cores, formas e mundos inesperados. Ler e brincar com o livro desperta encantamento e curiosidade, enquanto mãos e olhos se encontram na criação. É uma experiência lúdica que celebra a alegria de descobrir e reinventar, página por página.

intencionalidade inicial, mas permitiu espaço para o inesperado, para aquilo que ainda estava por se revelar ou acontecer. Um aspecto relevante foi a escolha dos materiais: optamos, na maior parte das vezes, por recursos disponíveis na escola, reafirmando a importância de trabalhar com o que temos à mão. É claro que, em determinados momentos, a aquisição de materiais diferenciados se faz necessária para ampliar possibilidades de criação e expressão.

A artista e educadora Edith Derdyk, com quem tenho estudado e me inspirado em minhas práticas de ateliê, apresenta em seu livro *Compo-sições [en]cantos para a Arte na Educação* reflexões que dialogam diretamente com o trabalho formativo que desenvolvo junto às professoras. Segundo Derdyk (2025, p. 15), relacionar ideias, associar experiências, revisitar relatos e imaginar campos possíveis para o inesperado dentro das atividades propostas constitui uma fonte contínua de aprendizado e inspiração para a prática diária dos educadores. Compor, nesse sentido, envolve processos sinápticos e efeitos correlacionais, lembrando que o educador atua como co-autor das metodologias, guiando e articulando as experiências pedagógicas de acordo com as concepções educacionais de cada escola.

Ateliê PAUSA

Durante o mês de maio de 2025, planejei, em parceria com o setor educativo do SESC 14 BIS, uma Reunião Pedagógica para a exposição *PAUSA*⁸, de Stela Barbieri, na qual pudemos vivenciar muitos dos



conceitos explorados neste trabalho. A partir dessa experiência, elaborei um ateliê utilizando elementos naturais e referências do catálogo da exposição⁹, o

⁸ A exposição *Pausa*, de Stela Barbieri, no Sesc 14 Bis, nos convidou à contemplação por meio de instalações sensíveis e casulos habitáveis. Materiais como bambu, tecidos e miçangas estimularam a percepção tátil e visual. Cada espaço tinha potencial para transformar o olhar e o corpo, criando momentos de introspecção e descoberta. A mostra foi um convite poético a desacelerar e sentir a arte com todos os sentidos.

⁹ <https://indd.adobe.com/view/e2bedf6c-3b31-4531-a3d0-1a64e2ad5306>

que me permitiu perceber a profundidade das ideias presentes nas Obras. Para conduzir a atividade, escolhi o texto *A casa da infância* e selecionei algumas músicas do álbum *CANOAS*¹⁰, ambos de autoria de Stela Barbieri, que tocaram ao fundo durante o processo.

Após conversas e reflexões com o grupo, propus a apreciação de imagens de casas-ninhos de diversos animais brasileiros, atentando para os detalhes de suas construções: abrigo, proteção, atração de parceiros, funcionalidade, moradia coletiva, entre outros aspectos.



O deleite da leitura, músicas e imagens propiciaram a elaboração de uma construção em duplas de uma casa-ninho utilizando alguns elementos naturais recolhidos pelo chão da escola e de alguns parques da cidade.



Outra proposta que permeou a prática de ateliê foi a construção de narrativas coletivas. A questão elaborada foi: Como tornamos visíveis as aprendizagens para estudarmos e entendermos o que está acontecendo?

¹⁰ https://www.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_nr1f1kpYCcugGoJLNsIBQADNSXRSLtqa4

E as educadoras elaboraram textos após criarem suas casas-ninhos:



As perguntas que nortearam este trabalho surgiram antes, durante e após a organização dos contextos. Nos ateliês, percebi que os próprios contextos também formulavam perguntas, a partir das suas materialidades.

Foi preciso criar condições e repertório durante os encontros de formação para abrir caminhos para imaginação, deleite e se deixar levar pelo devaneio que o contato com as materialidades proporciona.

(...) muitas vezes consiste em sossegar a mente e estar presente no que estamos fazendo, construindo trajetórias para uma nova possibilidade de existência” (BARBIERI, 2022, p. 44).

Rastro de Pensamentos

Esses ateliês ocorreram no primeiro semestre de 2025, durante os encontros do Projeto Especial de Ação intitulado *"Aprimorando os olhares e fazeres em uma escola das infâncias"*. Pretendo dar continuidade à formação com o grupo de professoras da nossa EMEI, com a intenção de construir e manter um espaço potente de criação, aprendizado e fortalecimento do coletivo de educadoras, para oferecer uma educação de qualidade às nossas crianças.

Como coordenadora pedagógica de uma escola pública, ciente da complexidade e das responsabilidades que esse cargo implica, sigo com estudos e reflexões que me fortaleça para colaborar, junto à comunidade escolar, na elaboração do Projeto Político-Pedagógico.

Nosso cotidiano tem sido desafiador, mas ainda assim tenho resistido para construir um futuro capaz de curar as feridas abertas nas escolas e entre educadores e educadoras, e de encontrar caminhos que façam da prática educativa um espaço frutífero, capaz de nutrir de forma saudável o imaginário e a potência das crianças e de toda a comunidade escolar.

No entanto, não podemos ignorar que o exercício da profissão docente ainda enfrenta desafios estruturais profundos. A falta de valorização da carreira do magistério e a ausência de políticas públicas que incentivem e reconheçam o trabalho das educadoras e educadores refletem-se no cotidiano das escolas, tornando mais árduo o esforço de construir práticas educativas de qualidade. Mesmo diante desses obstáculos, é preciso resistir e manter viva a esperança de transformação: como nos lembra Paulo Freire, educar é um ato de esperança e de coragem, é “esperançar”, acreditar que, por meio da educação, podemos reinventar o mundo e abrir caminhos de emancipação.



Bibliografia consultada

- ANTUNES, Arnaldo. **algo antigo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BARBIERI, Stela. **PAUSA**. Sesc São Paulo, 2025.
- BARBIERI, Stela. **territórios em transformação**. São Paulo: Jujuba, 2023.
- THOMÉ, Ana Carol. **Arte e natureza: ateliês os quatro elementos**. São Bernardo do Campo, SP: Ed. das Autoras, 2023.
- CINTRA, Raissa Helena Rodrigues. **Ateliê no cotidiano: convite, convívio, continuidade**. São Paulo, 2020.
- COCCIA, Emanuele. **A Vida Sensível**. Desterro/ Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2010.
- DERDYK, Edith. **Linha de horizonte - por uma poética do ato criador**. São Paulo: Intermeios, 2012.
- DERDYK, Edith. **Composições [en] cantos para a Arte na Educação**. São Paulo: Diálogos Embalados, 2025.
- FERRÁNDIZ, Elena. **O casaco de Pupa**. São Paulo: Jujuba.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FLUSSER, Vilém. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.
- GOMES, P.T. (Apresentação). In: ANTONIO, S. **Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento: Diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes**. São Paulo: Paulus, 2009.
- HIRATSUKA, Lúcia. **Chão de Peixe**. São Paulo: Pequena Zahar.
- LAGO, Angela; TORERO, José; PEDRAS, Pedro. **Criaturas da Ilha de Corso**. São Paulo: Ed. Moderna.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. **As gramáticas pedagógicas participativas e a construção da identidade da criança**. Textura, v.16, n. 36, p.133-152, jan/abr 2016b.
- PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- RIBEIRO, Bruna. **Pedagogia das miudezas: saberes necessários a uma pedagogia que escuta**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

RIBEIRO, Bruna (org.). **Abordagens Participativas na Educação Infantil: Saberes necessários para nos manter em voo.** São Paulo: Editora Passarinho, 2023.

RODARI, Gianni. **Gramática da Fantasia: uma introdução da arte de inventar histórias.** São Paulo: Summus, 2021.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Cidade: Educação Infantil,** 2022.

SANDOVAL, Andrés. **Dobras.** São Paulo: Companhia das Letrinhas.

SCHENDEL, Mira; FERRARI, Leon. **O Alfabeto Enfurecido.** São Paulo: Cosac Naify, Nova York: Museu de Arte Moderna, 2010.

SERNA, Mo Gutiérrez. **As coisas que guardo.** LIVRE Conteúdo e Cultura.